

Economia brasileira crescerá 3,3% em 2006, prevê a CNI

Representantes da indústria manifestam preocupação com os reflexos das eleições do próximo ano

FERNANDO EXMAN
BRASILIA

A economia brasileira deve crescer 3,3% em 2006, após uma expansão de 2,5% neste ano. A estimativa foi feita ontem pelo diretor da Área de Política Econômica da Confederação Nacional das Indústrias (CNI), Flávio Castelo Branco.

De acordo com o economista, a indústria continuará liderando o processo de crescimento econômico no Brasil com uma alta estimada para o próximo ano de 4,2% do Produto Interno Bruto Industrial (PIB). Já a projeção para o consumo privado e para investimento é expansão de 3,2% e 6,5%, respectivamente.

O presidente da CNI, Armando Monteiro Neto, demonstrou preocupação com o reflexo que as eleições terão na economia brasileira em 2006. Na avaliação dele, que é deputado por Pernambuco pelo PTB, a disputa eleitoral pode atrapalhar a votação no Congresso de reformas necessárias — Tributária, da Previdência e Trabalhista. Castelo Branco ressaltou que “incertezas no cenário político-eleitoral podem gerar riscos de o governo deixar de lado os compromissos com a estabilidade fiscal e monetária, além de existir a possibilidade de se criar um clima de radicalismo político”.

Segundo o diretor da CNI,

EXPECTATIVAS PARA O ANO NOVO		
	Projeção 2005	Projeção 2006
PIB	2,5%	3,3%
PIB Industrial	3,0%	4,2%
Saldo comercial (US\$ bilhões)	44,3	43,5
Inflação (IPCA)	5,7%	4,7%
Superávit primário (% do PIB)	4,8%	4,2%
Taxa de juros	19,1%	16,0%
Câmbio médio (R\$/US\$)	2,43	2,40

Fonte: CNI

em 2005, o conservadorismo excessivo da política monetária fez com que a demanda caísse, prejudicando principalmente a indústria de transformação e construção. O presidente da CNI também criticou as taxas de juros. Disse que este ano foi marcado pela frustração. “Os primeiros dois trimestres apresentaram magníficos desempenhos. Mas, em função de um erro na calibragem da política monetária, houve um tombo na atividade”, afirmou.

A respeito da inflação, a estimativa da Confederação é que o Índice de Preços ao Consumidor Ampliado (IPCA) chegue ao final do ano que vem em 4,7%, portanto um pouco acima do centro da meta de inflação que é de 4,5%. A projeção é que a taxa chegue a esse patamar com a Selic declinando para 15% ao ano em dezembro. A Selic, segundo projeta a CNI, deve ficar em 16% ao ano em média ao longo de 2006.

Monteiro Neto afirmou que,

apesar de os indicadores econômicos brasileiros terem melhorado, o País não consegue obter taxas sustentáveis de crescimento. “O Brasil tem uma espécie de propensão ao baixo crescimento”, disse o presidente da Confederação, ressaltando o fato de o País crescer menos na comparação com a economia de demais países.

Para ele, é preciso uma discussão mais aprofundada sobre a questão fiscal no longo prazo e, do ponto de vista mais imediatista, da política monetária do governo. Monteiro Neto afirmou que há a necessidade de o Estado cortar gastos para viabilizar a redução da carga tributária.

O chefe do departamento de Política Econômica da CNI destacou os aspectos positivos que marcaram 2005: “o excepcional desempenho das exportações, o recuo das expectativas inflacionárias e o equilíbrio das contas públicas”.

Na avaliação de Castelo Branco, o real deve desvalorizar-se gradualmente em 2006. Ele estima que a taxa de câmbio chegue a R\$ 2,50 em dezembro do ano que vem. Em média, projeta a CNI, a cotação do dólar deve ficar em R\$ 2,40 no decorrer de 2006.

Para Castelo Branco, o dólar vai retomar sua força em função da queda da taxa de juros e da estabilidade do saldo comercial. “Isso não vai pressionar a demanda por dólares”. Ele ressaltou, porém, que essa taxa de câmbio não é a ideal. No entanto, afirma que o dólar cotado a R\$ 2,50 “dá mais conforto” para o setor industrial. A projeção da CNI para a Selic é de uma média de 16% ao ano durante 2006, encerrando dezembro a 15% ao ano.